

REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



PORTUGAL

VOLUME 28, 2007

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

CONSTRUINDO O "BRASILEIRO": CONTORNOS DO IMIGRANTE PORTUGUÊS NO BRASIL DE 800

1.0 português toma-viagem, tivesse ele encontrado no Brasil a "árvore das patacas" ou voltasse à pátria "de mão furada"⁽¹⁾, cedo foi satirizado pela literatura de Portugal. A princípio, em função da descoberta do ouro e das pedras preciosas, era o "mineiro", como aparece na obra de António José da Silva, Correia Garção, Filinto Elisio e outros escritores entre os séculos XVII e XVIII. Com o crescimento da colónia, a independência do país e o surgimento de outras fontes de enriquecimento, surgiu o "brasileiro", que, com Camilo Castelo Branco, se tomou em definitivo uma figura da ficção portuguesa, nos moldes descritos, em 1886, por Eça de Queirós, ao satirizar os padrões da estética romântica, no prefácio a *O Brasileiro Soares*, de Luís de Magalhães, embora ele próprio já tivesse detractado alguns aspectos do torna-viagem⁽²⁾:

"Há mais de trinta anos, em novela, em drama, em poemeto [...] sempre que o enredo necessitava um ser de animalidade inferior, um boçal ou um grotesco, o Romantismo lá tinha no seu poeirento depósito de figuras de papelão, recortadas pelos mestres, o brasileiro - já engonçado,

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

⁽¹⁾ Cf. a quadra recolhida por Arlindo de Sousa, no *Cancioneiro de Entre Douro e Minho*, Lisboa, Liv. Bertrand, s.d., p. 87: "Brasileiro, brasileiro / Chamam-te de mão furada; / Foste ao Brasil e viestes [szc]/não trouxestes [szc] de lá nada".

⁽²⁾ Cf. Maria Aparecida Ribeiro, "O brasileiro na obra de Eça", *Queirosiana - estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração*, n.º 7/8, Dez. 1994-Jul. 1995, pp. 135-146.

já enfardelado, com todos os seus joanetes e todos os seus diamantes, crasso, glutão, manhoso, e revelando placidamente na linguagem mais bronca os pensamentos mais sórdidos". (Queirós, 198: 19).

Imagem caricatural na pena dos escritores seus conterrâneos, no século XIX, com que contornos foi desenhado nos textos dos brasileiros aquele que, como escreve Ricardo a Rafael, no *Esqueleto*, a respeito do irmão do Padre Ambrosio: "Saiu de Mirandela com um chapéu braguês e uma véstia de cotim. Entrou em Mirandela com quatrocentos contos e três filhas, e a jaqueta e o chapéu, que ainda mostra aos duvidosos da sua origem" (Castelo Branco, 1958: 177-178)? Como narra a literatura brasileira a história desse homem que "enriqueceu a trabalhar" (Castelo Branco, 1958:177)? E aqueles sobre os quais praticamente pesa o silêncio dos autores portugueses, os que ficaram de "mãos furadas", têm lugar na ficção brasileira?

O primeiro registo de que temos notícia data de princípios do século XVII: Gregório de Matos, baiano, de formação coimbrã, de olhar branco e europeu sobre as gentes e factos de sua terra⁽³⁾, mas também crítico da colonização portuguesa⁽⁴⁾, escreve, há pouco mais de cem anos do início desta, que "[...] os ratinhos do Douro / São grandíssimos velhacos: / Em Portugal são ratinhos / E cá no Brasil são gatos". (Amado, 1969, v. VII: 1712)

No entanto, por motivos históricos, a visão generalizada do português como Outro, passível dos defeitos do estrangeiro, só começará por delinear-se depois dos conflitos desencadeados em função da Independência, em 1822. Mas, mesmo assim, se um certo antilusitanismo pode ser visto em Gonçalves de Magalhães (cf. *A Confederação dos Tamoios*) e em Gonçalves Dias⁽⁵⁾, por exemplo, e se Manuel António de Almeida às vezes mostra grotesca a figura daquele que emigrou de Portugal para a terra do Brasil, no seu *Memórias de um Sargento de Milícias*, ao traçar o quadro social do Rio de Janeiro dos tempos de D. João VI, no Romantismo brasileiro, no seu pendor fundacionista - Alencar acima de todos -,

⁽³⁾ Leiam-se, por exemplo, as décimas à cidade da Bahia ou o soneto sobre a procissão das Cinzas em Pernambuco.

⁽⁴⁾ "[...] os brasileiros são bestas / e estão a trabalhar toda a vida / por manterem maganos de Portugal" (MARTINS, Wilson. 1978, p. 170),

⁽⁵⁾ Observe-se o que diz, por exemplo, a "Canção do piaga"

irá aflorar a idealização do colono ou do conquistador: D. António de Mariz será um fidalgo português cuja fidelidade ao rei não lhe permitirá viver perto dos que servem à corte de Filipe II de Espanha, razão pela qual mudar-se-á com a família para os arredores do Rio de Janeiro⁽⁶⁾. Martim, o "guerreiro branco", cujas pupilas retêm o "azul das águas profundas", procura não desonrar a casa de quem o hospeda e, como bom cavaleiro medieval, só abandona a sua dama para servir a seu rei; a serviço da fé e do império funda a nova "mairi", propaga o Cristianismo e é o pai de uma nova raça.

A deformação negativa da imagem será obra dos realistas-naturalistas, que falam da sociedade contemporânea, razão pela qual, para estudar esse assunto, se escolheu a obra de Aluísio de Azevedo, não só por ser paradigmática do período, mas também porque é a que elege por cenários duas realidades distintas - a província do Maranhão e a corte do Rio de Janeiro. Embora não escrevendo num tempo idêntico ao de Camilo⁽⁷⁾ e sem procurar a sátira (mas também bebendo no determinismo e num naturalismo que deforma os perfis), será ele o que mais exemplos oferece da representação do português como *outro* na literatura do Brasil dos finais de Oitocentos⁽⁸⁾, do reverso da medalha onde o autor de *Eusébio Macário* cunhou a efígie do "brasileiro", ou seja, onde ficou gravada a representação literária do português visto como *outro* por seus compatriotas. O foco de Aluísio incide principalmente

⁽⁶⁾ Recorde-se o passo de *O Guarani*: "Para D. António e para seus companheiros a quem ele havia imposto sua fidelidade, esse torrão brasileiro, esse pedaço de sertão, não era senão um fragmento de Portugal livre, de sua pátria primitiva; aí só reconhecia como rei ao duque de Bragança, legítimo herdeiro da coroa; e quando se corriam as cortinas do dossel da sala, as armas que se viam eram as cinco quinas portuguesas, diante das quais todas as frentes se inclinavam" (José de Alencar, *O Guarani*, Coimbra, Almedina, 1994, p. 35).

⁽⁷⁾ É verdade que a 1ª edição de *Eusébio Macário* é de 1879.

⁽⁸⁾ E certo que podemos encontrar portugueses imigrantes na obra de autores contemporâneos do escritor maranhense paradigmáticos ou não do Realismo-Naturalismo. Eles aparecem em Adolfo Caminha, Raul Pompeia, Machado de Assis, mas não com a mesma frequência e com a mesma nitidez com que surgem nos romances de Aluísio, nomeadamente *O Mulato* e *O Cortiço*, que serão referidos no presente texto sempre pelas iniciais OM e OC, respectivamente, seguindo-se o número da página do trecho citado. O mesmo acontecerá com *Casa de Pensão* - CP, e *O Homem* - OH.

sobre os imigrantes que se dedicavam ao comércio, actividade que, por sua natureza, os retinha no País, como, aliás, comentava o artigo "Emigração para o Brasil", acrescentando: "poucas são as casas de qualquer negócio no Rio de Janeiro, que não têm um ou mais caixeiros portugueses, havendo igualmente alguns destes que são chefes de casas de comércio, e proprietários de estabelecimentos naquele país" (*Diário do Governo*, 105, 6 de Maio de 1846, p. 501). Aliás, segundo Pedro Calmon (s.d.: 95), "em 1860, no Rio, os estabelecimentos comerciais eram 1545 de brasileiros e 4403 de portugueses. Em 1863, o número daqueles caiu para 1083, e o destes subiu para 4813. Em 1903, os brasileiros possuíam 3941 e os portugueses 8211 casas de negócio". No Maranhão, a situação não era muito diferente: a imigração era atraída

"pelo convite protector de parentes e amigos, [—lo núcleo sedentário e próspero da colónia. Assim quase todos deparam ingresso pronto na carreira comercial, que é a mais suave e lucrativa, e onde, com mediana inteligência e actividade, se obtém em menos tempo uma lisonjeira abastança, para a qual concorre principalmente a facilidade dos patrões em associarem os caixeiros aos interesses do seu comércio" (Capella, 1882: 236).

2. A palheta da realidade e as tintas do antilusitanismo

Disseminado um pouco por todo o Brasil, o ódio aos portugueses que não apoiaram a Independência tomou forma de revolta em alguns pontos do País. No Maranhão, José Cândido e Moraes e Silva, director de *O Farol Maranhense* e conhecido como "Farol" (nome com que aparecerá em *O Mulato*, romance de estreia de Aluísio de Azevedo), lançou a rebelião conhecida como "Setembrada", que explodiu a 12 de Setembro de 1831, em que se exigia "o banimento dos portugueses propriamente ditos, ficando na província somente os adoptivos que, mesmo assim, seriam privados de exercer empregos públicos e de negociar armas e munições". Embora fracassada a revolta, em 1832, e morto o seu líder, o ódio entre os que apoiavam os portugueses ("Corcundas" ou "Cabanos"⁽⁹⁾,

⁽⁹⁾ Este era o nome dado aos rebeldes do Pará - população pobre, do interior, constituída em geral por mamelucos, mulatos, cafusos e negros, a qual se juntaram egressos das forças armadas, que morava em cabanas. No caso do Maranhão, era uma forma pejorativa de designar as oligarquias rurais.

conservadores) e os que se lhes opunham ("Bem-te-vis"⁽¹⁰⁾, liberais) desencadeou, em 1839, um novo e mais sério confronto, que teve proporções de guerra civil, dando origem a mortes, incêndios de propriedades e saques - a Balaiada⁽¹¹⁾. Os próprios portugueses apoiaram seus defensores com a constituição do "Batalhão Provisório Auxiliador".

Não é de estranhar, pois, que, as páginas de *O Mulato* (1881), cuja intenção é retratar a sociedade maranhense, reflectam o espírito antilusitanista da mesma e as figuras portuguesas apresentem contornos de negatividade.

Manuel Pescada prova este estado de coisas pela vertente positiva: é assinalado com o distintivo de "o bom português", amigo do Brasil, por oposição àqueles que nas décadas subsequentes à independência, colocavam-se contra a nova situação política e, por isso, eram considerados "inimigos da causa". A distinção de "bom português", atribuída com frequência à personagem ao longo da narrativa de *O Mulato*, não a exime, porém, de atitudes racistas, que a tornam mais um agente das acções sórdidas perpetradas contra o protagonista, afinal, um sobrinho seu.

2.1. *As marcas de origem e outras marcas*

Embora emigrados das mais diferentes regiões de Portugal, os minhotos constituíram o maior contingente ido para o Brasil e foram o alvo preferencial de Camilo. Aluísio, porém, parece não se importar muito com a aldeia ou cidade de proveniência de suas personagens emigradas de Portugal, talvez pelo facto de, na sociedade brasileira, essa marca de origem perder a importância, e o traço distintivo ser apenas "português". Somente de Manuelzinho, menino caixeiro de *O Mulato*, diz o narrador:

⁽¹⁰⁾Nome derivado do jornal *O Bem-te-vi*, de Rafael de Carvalho que, como a *Sentinela*, de António Pires de Castro, e a *Crónica Maranhense*, de João Francisco Lisboa, se opunha aos abusos dos proprietários de terras e aos comerciantes portugueses. Os bem-te-vis representavam a população urbana. Os conservadores tinham como porta-voz os jornais *Constitucional* e *Investigador*, de Sotero dos Reis.

⁽¹¹⁾Nome derivado da actividade de um de seus líderes, Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, mestiço que fazia balaios.

"Chegara havia coisa de seis meses da sua aldeia no Porto" (OM, 56)⁽¹²⁾.

N'O *Mulato*, passado no Maranhão, fica patente a existência de um antilusitanismo, seja através de observações do narrador (que se refere, por exemplo, à "má educação que os portugueses trouxeram para o Brasil" OM, 83), seja através de atitudes das personagens, como Seu Casusa, "tipo do norte, perfeito, cheio de franquezas, com horror ao dinheiro", que perseguia os portugueses "com suas constantes chalaças, imitando-lhes o sotaque, o andar e os gestos" (OM, 100)⁽¹³⁾ 14. E há algumas designações pejorativas, tiradas do cotidiano de Oitocentos (ainda existentes em nossos dias), a assinalar a origem. Assim lê-se:

"Nasceu numa fazenda de escravos na Vila do Rosário, muitos anos depois que seu pai, José Pedro da Silva, aí se refugiara, corrido do Pará ao grito de '*mata bicudo*' nas revoltas de 1831 [...] O Sebastião Campos, esse era viúvo da primeira filha de Maria Bárbara e, como aquele [Casusa] um tipo legítimo do Maranhão; nada, porém, tinha ao outro senão o orgulho e a birra aos portugueses, a quem na ausência só chamava '*marinheiros - puças - galegos*'"^(u) (OM, 67 e 100).

⁽¹²⁾O Porto ocupou, aliás, o primeiro lugar na origem dos imigrantes portugueses, entre 1886 e 1898; de 1911 a 1913, a primazia passa a Viseu, seguido de Bragança (cf. Lobo, *ob. cit.*, p. 21). Apesar de Aluísio não falar de outros caixeiros adolescentes esta era a regra da época, pois é em torno dos 13-14 anos que incide a idade de maior frequência estatística da emigração no distrito do Porto. Somente no final da década de 70 (1878-1879), a moda vai para os 20 anos, retomando aos 13 no fim-de-século, conforme se pode ver no quadro apresentado por Alves (1994): 190.

⁽¹³⁾Veja-se que é o sotaque já brasileiro um dos alvos de escárnio do torna-viagem visto pela ficção portuguesa: Eça satiriza-o no "minina" da *Farpa* que escreve sobre o "brasileiro"; Camilo coloca-o com frequência na fala de suas personagens regressadas do Brasil, como, por exemplo, o barão de Rabaçal, a quem também ridiculariza com termos correntes na linguagem brasileira. N'Á *Corja*, aliás, o próprio discurso do narrador inclui esses termos, tornando-os objecto de riso.

⁽¹⁴⁾As designações "marinheiro", "galego", "bicudinho", "pé de chumbo" aparecem também com frequência nas peças *Ódio de Raça* e *Cedro Vermelho* de Gomes de Amorim que foi imigrante no Pará, na primeira metade do séc. XIX, e toma este espaço da Amazónia como cenário dessas peças.

Ou se encontra n'0 *Cortiço*:

"Diabo do *galegol* [...]"

- Deixa lá esse *labregol* Resmungou Porfirio, tomando o amigo pelo braço e fazendo-o recolher-se à casa da mulata. [...]"

- Com a minha vida é que te metes tu, cigana! Exclamou a portuguesa, sem se conter e avançando para a porta com ímpeto.

- Hein? Repete, *cutruca* ordinária! Berrou a mulata dando um passo em frente" (OC, 82,200).

Também em *Casa de Pensão*, cujo cenário é, como o de *O Cortiço*, o Rio de Janeiro, surgem, entre impropérios genéricos, designações específicas para os portugueses: Mas, também, filho, disse-lhe meia dúzia de desaforos, como ele nunca ouviu em sua vida! Cão! E expôs a descompostura por inteiro, na qual as palavras *galego*, *ladrao*, *cachorro* entravam repetidas vezes" (CP, 44).

Aspectos como a aparência, o asseio, a relação com o trabalho, com o dinheiro, com os outros homens, os hábitos gastronómicos, as tradições musicais, o comportamento social são bastante explorados como traços distintivos, principalmente n'0 *Cortiço*, pelo seu cariz determinista, embora não deixem de surgir também noutros romances.

2.1.1. O aspecto físico

Se a extravagância das cores domina a indumentária do toma-viagem visto pelos escritores portugueses, estabelecendo a diferença sintetizada por Eça ao dizer "Ser brasileiro pode acontecer a todo mundo: basta uma soalheira! [...] É terrível. Sai um homem para tomar absinto vestido de escuro, e entra - a gritar por mandioca recamado de amarelo!" (Ortigão e Eça, 1872: 93), a roupa não aparecerá propriamente em Aluísio para distinguir os portugueses dos brasileiros, mas para sublinhar a usura, a rusticidade, ou o dandismo de cada um dos imigrantes. O escritor maranhense não falará em cores garridas ou anéis de brilhantes, mas, na maioria dos casos, de vestimentas simples, o mais possível básicas, próprias de quem precisa cuidar mais do bolso que da aparência, numa poupança que até lhes economizava a lavagem. Isso para não mencionar a troca dos sapatos por calçado de menor preço, os cortes de cabelo económicos porque duradouros e a falta de cuidados com a barba.

João Romão é-nos apresentado como um "[...] tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer [...], sempre em mangas de camisa, de tamancos, sem meias, olhando para todos os lados, com o seu eterno ar de cobiça, apoderando-se, com os olhos, de tudo aquilo de que ele não podia apoderar-se logo com as unhas" (OC, 23).

Seus pés eram "deformados pelos diabos dos tamancos, criados à solta, sem meias" (OC, 130), "um par de tartarugas" (OC, 169), enquanto suas mãos eram "calosas e maltratadas, duras como as de um cavouqueiro" (OC, 130).

Pelo mesmo caminho vai o Dias, empregado de Manuel Pescada, que acabará por casar-se com Ana Rosa: "Quanto à figura, repugnante: magro e macilento, um tanto baixo, um tanto curvado, pouca barba, testa curta e olhos fundos. O uso constante dos chinelos de trança fizera-lhe os pés monstruosos e chatos; quando ele andava, lançava-os desairosamente para os lados, como o movimento dos palmípedes nadando. [...] quando estava perto da gente sentia-se logo um cheiro azedo de roupas sujas". (OM, 60)

Manuelzinho, o caixeiro criança do comércio de Pescada, anda com um "jaquetão, cuja gola lhe servia até a nuca", usa "cabelo à escovinha", "sapatos grandemente desproporcionados", "calças de zuarte dobradas na bainha", além de apresentar as "orelhas cheias de cera escura" e as unhas "crescidas e sujas". Bento Cordeiro é "Português dos seus trinta e tantos anos, arruinado, feio, de bigode e barba e cavanhaque" (OM, 55), enquanto Jerónimo, morador do cortiço de João Romão embora seja "um português de seus trinta e cinco a quarenta anos, alto, espadaúdo, barbas ásperas, cabelos pretos e maltratados caindo-lhe sobre a testa, por debaixo de um chapéu de feltro ordinário" possui outros atributos que irão determinar a sua aceitação pelos do cortiço, mas também a sua propensão a sucumbir ao meio: "pescoço de touro e cara de Hércules, na qual os olhos, todavia humildes como os olhos de um boi de canga, exprimiam tranquila bondade" (OC, 54).

A descrição de Gustavo de Vila-Rica, também caixeiro de Pescada, "sempre de bom humor", é a de "simpático e bonito mocetão de dezesseis anos, com as suas soberbas cores portuguesas" (OM, 55).

Já o cónego Diogo de Melo, padrinho de Ana Rosa, cuja nacionalidade portuguesa não é explícita⁽¹⁵⁾, mas que devia, pelo menos, ser filho de

(15) Sobre a imigração dos clérigos portugueses, cf. Alves, 1994: 209.

português, pois se formara "em Coimbra, donde contava maravilhas", e mantinha com Portugal um vínculo bem marcado, porque "um bocadinho rico não relaxava o seu passeio a Lisboa, de vez em quando, 'para descarregar anos da costa'", como "explicava ele a rir", aparece com o seu "grande e trabalhado anel de ametista, obra do Porto", e calçado "com esmero, de polimento; mandava buscar na Europa, para seu uso, meias e colarinhos especiais, e quando ria, mostrava dentes limpos, todos chumbados a ouro". E a evidenciar a sua distância dos trabalhos pesados tinha "os movimentos distintos; mãos brancas e cabelos alvos que fazia gosto" (OM, 48 e 47).

Se a paisagem de São Luís parece desprovida de mulheres portuguesas⁽¹⁶⁾, surgindo nela apenas as luso-descendentes como D. Bárbara e D. Quitéria, com seu orgulho de sangue e seus preconceitos e ódios contra os negros e mulatos, no Rio de Janeiro, na casa de pensão de

⁽¹⁶⁾A emigração masculina sempre predominou entre os portugueses. Analisando a emigração feminina do Porto, Jorge Fernandes Alves (1994: 181) mostra que, "até 1851, esta raramente chegou às 100 unidades, ficando-se pelos 3 a 5% de emigração total, mostrando que não se inseria no modelo da emigração tradicional. A partir daquela data, dá um salto para o dobro, atingindo um pico em 1855, com 779 mulheres a embarcarem, representando 10% do fluxo. Há depois uma fase de decréscimo quantitativo, mas a participação relativa oscila a subir gradual mas decisivamente, de forma que, a partir de 1889, já se situa no nível dos 20%". Segundo o censo de 1872, havia, no Rio de Janeiro, 69% de brasileiros e 31% de estrangeiros, sendo 58% homens e 42% mulheres. Em 1890, o número de portugueses atingia 77 954 indivíduos do sexo masculino e 28 507 do sexo feminino, (cf. Brasil, Ministério da Agricultura e Indústria. Diretoria Geral de Estatística e Recenseamento do Brasil realizado em 1º de Setembro de 1920; *Introdução, Resumo histórico dos inquéritos censitários realizados no Brasil*, Rio de Janeiro, 1922, vol. 1). Ramalho Ortigão dá o seguinte testemunho. "Os Açores são a parte do país que exporta maior quantidade de mulheres. Estas mulheres são escrituradas ao chegarem ao Rio de Janeiro, muitas delas a bordo mesmo dos navios que as transportam. Escolhem-se pelo aspecto físico. Uns preferem as louras, outros as morenas. As mais bonitas são as que se acomodam mais depressa. Os fazendeiros encomendam-nas do interior aos seus correspondentes. 'Quando chegar o pacote próximo mande-me duas caixas de vinho do Porto e uma *ilhoa* gorda, de dezoito anos e olho preto'" (Ortigão, s.d.: 69). Mas elas também podiam ficar nas cidades, como atestam as narrativas de *Casa de Pensão* (1961:60) e d'*O Homem*, ou, para mencionar figuras da vida real, a avó de Cecília Meireles, Jacinta Garcia Benevides, cuja origem é sempre citada pela escritora, orgulhosa de suas raízes.

Mme. Brizard ou no cortiço São Romão, há várias delas: "monstruosas, com umas ancas que pediam palmadas, os pés torcidos em sapatos de pano preto sem feitiço." (CP, 120); como Piedade de Jesus, mulher de Jerónimo, que "teria trinta anos, boa estatura, carne ampla e rija, cabelos fortes de um castanho fulvo, dentes pouco alvos, mas sólidos e perfeitos, cara cheia, fisionomia aberta, um todo de bonomia toleirona, desabotoando-lhe pelos olhos e pela boca numa simpática expressão de honestidade simples e natural" (OC, 63), "diligente, sadia, honesta, forte, bem acomodada com tudo e com todos", que aos domingos punha "o seu vestido de ver a Deus, os seus ouros trazidos da terra, que nunca tinham ido ao monte de socorro" (OC, 66); como Leandra, a Machona, "portuguesa feroz, herradora, pulsos cabeludos e grossos, anca de animal do campo". (OC, 116) ou a lasciva e dissoluta Leocádia "mulher de um ferreiro chamado Bruno, portuguesa pequena e socada, de carnes duras, com uma fama terrível de leviana entre as vizinhas" (OC, 47); como a mulher do alfaiate, surgida quando o cortiço "aristocratizava-se" - "uma lisboeta, cor de nabo, gorda, velhusca, com um princípio de bigode e cavanhaque, mas extremamente circunspecta" (OC, 244).

Mas há ainda "a velha Isabel, isto é, Dona Isabel, porque ali na estalagem lhe dispensavam todos certa consideração, privilegiada pelas suas maneiras graves de pessoa que já teve tratamento: uma pobre mulher comida de desgostos. [...]. Tinha uma cara macilenta de velha portuguesa devota, que já foi gorda, bochechas moles de pelancas rechupadas, que lhe pendiam dos cantos da boca como saquinhos vazios: fios negros no queixo, olhos castanhos, sempre chorosos, engolidos pelas pálpebras [...]"(OC, 48).

Um exemplo de trabalho e dedicação é Justina, a ama de Magdá:

"portuguesa, das ilhas, forte, rechonchuda e muito amiga de conversar [...], fora sempre mulher de bons costumes [...] muito risonha, corada, dentes claros e olhos castanhos, um pouco recaídos para o lado de fora com uma natural expressão de lástima, que aliás, não perturbava em nada a alegre vivacidade da sua fisionomia. Tinha papadas, e fazia roscas no cachaço; uma penugem de fruta na polpa do queixo e dois pincéis de aquarelas nos cantos da boca. Quando andava tremiam-lhe os quadris como imensos limões de cheiro feitos de borracha" (OH, 87).

O que ressalta na imagem do homem português pintada por Aluísio é uma espécie de deformação física e moral como consequência do trabalho ou da necessidade de economizar. Já nas imigrantes é não só a sua boa conformação física, imediatamente associável ao trabalho e à procriação, mas também um traço que permaneceu no imaginário brasileiro: a portuguesa de pernas cabeludas, buço e pelos faciais visíveis, o que indicia uma certa masculinidade e ocorre entre mulheres moças e velhas.

2.2.2. *A comida*

Se os "brasileiros" de Camilo mostram não perder a sua identidade gastronômica, mas fazem notar à mesa mais um traço da sua rusticidade, como Hermenegildo Fialho que, ao chegar a Viana do Castelo, come "pastéis ensopados em vinho do Porto com familiar lhaneza e proporções homéricas de estômago" (Castelo Branco, 3s.d.: 103), os portugueses de Aluísio têm na alimentação um traço distintivo. Isso fica bem claro n'O *Cortiço*, pois Jerónimo, antes de abrasileirar-se, passando a beber café e trocando o vinho pela "aguardente de cana", o "bacalhau com batatas e cebolas cozidas" pelo "feijão preto" e pela "carne seca", "o caldo verde, a açorda e o caldo de unto" pelos "ruivos e gostosos quitutes baianos", esperava que, ao chegar a casa depois do trabalho, "morto de fome e fadiga" (OC, 104), a mulher lhe tivesse preparado para o jantar "alguma das comidas da terra deles" (OC, 78). Ou, então, convidados ambos, ele e Piedade, para uma mesa "brasileira", não aceitam o convite, "dispostos a passar a tarde ao lado um do outro, tranquilamente, como sempre, comendo em boa paz o cozido à moda da terra e bebendo o seu quartilho de verde pela mesma infusa" (OC, 78).

Mesmo os avarentos apelam para a comida portuguesa, nos dias especiais. É de vinho do Porto a garrafa que João Romão abre, "contra todo o costume", para comemorar com Bertoleza a alforria que ele finge ter ela obtido (OC, 21). São também comidas portuguesas, como se verá adiante, que Luís Dias leva à mulata do peixe frito nos dias de Domingo.

Aliás, Manuel Pescada para animar o Dias quando este fica doente, lembra-lhe "as boas comezainas portuguesas: 'as caldeiradas d'eirozes, a orelheira de porco com feijão branco, a açorda, o caldo gordo, o famoso bacalhau do Algarve!'", acrescentando ainda "os nossos figos de

comadre", "as nossas castanhas assadas" e o "vinho verde". O empregado escuta-o "com água na boca" e suspira pelo pescado, saudoso da terra: "Que rico pitéu!" (OM, 61).

2.1.3. *A música*

De maneira semelhante aos hábitos alimentares que podem ser substituídos - como acontece com Jerónimo, demonstrando, o sucumbir do homem ao meio, ou, sem esse carácter determinista, como ocorre com Manuel Pescada - a música representa, no caso de *O Cortiço*, outro traço distintivo entre portugueses e brasileiros:

"Depois até as horas de dormir, que nunca passavam das nove, ele [Jerónimo] tomava a sua guitarra e ia para defronte da porta, junto com a mulher, dedilhar os fados da sua terra. Era nesses momentos que dava plena expansão às saudades da pátria, com aquelas cantigas melancólicas em que a sua alma de desterrado voava das zonas abrasadas da América para as aldeias tristes de sua infância. E o canto daquela guitarra estrangeira era um lamento choroso e dolorido, eram vozes magoadas, mais tristes do que uma oração em alto-mar" (OC, 68).

Não só as melodias são marcadas pela nostalgia: as letras também traduzem a saudade dos portugueses; falam no desgosto de estar longe da terra natal e designam o Brasil como "desterro" (cf. OC, 86 e 87).

Cena análoga a das guitarras d'*O Cortiço* aparece n'*O Homem* (cf. 2.1.4), onde também ocorrem outras situações em que as melodias portuguesas assinalam a diferença entre as pessoas: "Pela volta das nove da noite surgiram como por encanto as violas e as guitarras, e o pagode tomou novo carácter. Pegou-se então de cantar o fado corrido, o malhão, a caninha verde e a espadelada. Começava verdadeira festa" (OH, 1970: 193).

2.1.4. *O sentimentalismo, a tristeza e a saudade*

Seja a música, seja a comida, seja o isolamento, a verdade é que os portugueses nunca aparecem totalmente mudados na obra azevediana e a saudade vem demonstrar a persistência de sua identidade. Se Piedade de Jesus "cedia passivamente nos hábitos da existência [...] no íntimo

continuava a ser a mesma colona saudosa e desconsolada, tão fiel às suas tradições como a seu marido" (OC, 106). N'0 *Homem*, Luís, um cavouqueiro, como Jerónimo, também toma, antes de dormir, a sua viola e, na porta da estalagem onde mora, quebra "o denso recolhimento das nove e meia com o seu "tir-lim-tim-tim" monótono e embebido de saudade" (OH, 119). N'0 *Cortiço* "a monótona cantiga dos portugueses enchia de uma alma desconsolada o vasto arraial da estalagem" e, "abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados iam todos [...] caindo em tristeza" (OC, 87).

A tristeza das letras e das melodias projecta-se nas casas: a de Jerónimo, antes de ele abasileirar-se, possuía "aquele ar sombrio e concentrado que a entristecia" (OC, 103); a de Luís Campos, personagem de *Casa de Pensão*, era "um desses casarões do tempo antigo, quadrados e sem gosto, cujo ar severo e recolhido está a dizer no seu silêncio os rigores do velho comércio português" (CP, 15).

2.1.5. *A ignorância, o conservadorismo, a brutalidade e a falta de asseio*

Mas a casa de Luís Campos não revela apenas em sua arquitectura os rigores do "velho comércio português". Também em seu interior imperam a contenção e a soturnidade. O narrador, porém, não se contenta com a descrição do comportamento das pessoas e do proprietário. Através de uma concessiva assinala, pela similitude do comportamento de Luís Campos com o dos portugueses, além da melancolia, aquele que seria mais um traço característico dos nascidos em Portugal - a falta de inteligência:

"Apesar de *inteligente e de brasileiro*, Campos nunca logrou espantar de sua casa o ar triste que a ensombrecia. À mesa, quando raramente se palestrava, era sempre com muita reserva; não havia risadas expansivas, nem livres exclamações de alegria. Os hóspedes, pobre gente de província, faziam uma cerimónia espessa, o guarda-livros poucas vezes arriscava a sua anedota e, só se determinava a isso, tendo de antemão escolhido um assunto discreto e conveniente" (CP, 15).

Oriundos das mais pobres aldeias portuguesas era natural que a maior parte dos imigrantes, além de ignorar os hábitos citadinos, não estivesse muito afeita à mudança de hábitos culturais. Daí, possível-

mente (e também da forma de colonização que não procurou criar escolas nem permitiu o estabelecimento da Universidade), a observação de Sebastião Campos, viúvo da primeira filha de Maria Bárbara, de que "o Brasil teria ganho muito se perdesse a Guerra dos Guararapes"; pois os portugueses eram "uns bestas", "uns lesmas", uma "gente sem progresso" (OM, 101).

Tal observação da personagem encontra, por certo, raízes nos baixos índices de alfabetização entre os que emigravam de Portugal. Analisando a emigração portuense, Jorge Fernandes Alves afirma que as taxas de analfabetismo rondam os 40%, "estimativa que, com algumas variações, se prolonga até 1860 até aos inícios deste século, sugerindo um comportamento padronizado neste domínio, pois, só no final do século surgem pequenos indícios de mudança, que, de resto, não se confirmam, segundo as estatísticas oficiais" (Alves, 1994: 213). Mas descendo a uma "análise de pormenor" (Alves, 1994: 215), o autor em questão conclui com relação ao Porto algo que, conforme ele próprio, se pode estender ao resto do País:

"O analfabetismo varia de acordo com a natureza de cada fluxo: sempre que a emigração cresce significativamente, isto é, quando se verifica uma maior intensidade na saída de emigrantes de origem rural, a taxa de analfabetismo cresce correlativamente; o mesmo se poderá dizer em relação ao aumento da emigração feminina. Quando a emigração apresenta um fluxo mais ténue, assegurando a corrente tradicional mais marcada pelos jovens e pelo sexo masculino, verifica-se, inversamente, um ligeiro decréscimo do analfabetismo" (Alves, 1994: 213).

Analfabetos (ou quase) são muitos dos portugueses da obra azevediana: Luís, o cavouqueiro de *O Homem*, que "viera novo para o Brasil, onde se achava perfeitamente aclimado; não sabia ler nem escrever" (OH: 111), é um exemplo, assim como João Romão que, antes de tentar subir na escala social, mas já melhor de vida, lia apenas o *Jornal do Comércio*. Pombinha, aos domingos, aviava a correspondência dos trabalhadores: normalmente notícias sobre eles próprios dizendo que ainda não mandam dinheiro porque ainda não o têm, que logo que possam mandam buscar as mulheres, que não venha ninguém sem ter colocação garantida (cf. OC: 75). Mas é verdade que em Aluísio também surgem imigrantes alfabetizados, como o Manuel Pescada, que "gostava da sua leitura nas horas de descanso, assinava respeitosa os jornais sérios da província e recebia alguns de Lisboa"; e que, mais que isso, "tinha uma assinatura do Gabinete Português" e sabia, porque em pequeno lhe

meteram na cabeça, "vários trechos do Camões", além de não ignorar "o nome de outros poetas" (OM: 36)⁽¹⁷⁾. Pescada, aliás, educara a filha de forma avançada para a época, pois Ana Rosa era não só letrada, mas quem mais aproveitava dos romances que a referida assinatura do Gabinete proporcionava. A abertura de espírito de Manuel Pescada, porém, não foi tanta ao ficar viúvo com uma menina para criar: "Para não ficar só com a filha 'que se fazia mulher', convidou a sogra, Dona Maria Bárbara, a abandonar o sítio em que vivia e ir morar com ele e mais a neta. A menina precisava de alguém que a guiasse, que a conduzisse! Um homem nunca podia servir para essas coisas! E se fosse meter em casa uma preceptora - Meu Bom Jesus! - que diriam por aí?" (OM: 37).

A esse preconceito - que parece não ser apenas dos portugueses, mas de toda a sociedade brasileira de XIX - soma-se um conservadorismo, este, sim, atribuído unicamente a alguns dos imigrantes oriundos de Portugal, para quem, mostrar afecto era sinal de fraqueza:

"Amâncio fora muito mal educado pelo pai português antigo e austero, desses que confundem o respeito com o terror. Em pequeno levou muita bordoadada, tinha um medo horroroso de Vasconcelos; fugia dele como de um inimigo, e ficava todo frio e a tremer quando lhe ouvia a voz ou lhe sentia os passos [...]. Só agora, depois da carta, depois que soube que era amado pelo velho, uma grande tristeza invadiu-o todo, e as lágrimas reventaram-lhe com explosão. Assim sucede sempre aos filhos educados à portuguesa, cujos pais como que sentem vexame de lhes patentear o seu amor. Pobres pais! Quantas vezes não estarão morrendo por afagar o filho e, todavia, em vez de lhe darem um sorriso carinhoso, um beijo, uma palavra de doçura, fingem-se indiferentes e afastam-se para que o pequeno não lhes perceba a comoção" (CP: 22 e 154).

No entanto, mesmo os imigrantes analfabetos (ou quase) desejavam uma educação melhor para seus filhos, para o que os colocavam em colégios internos, como D. Isabel com Pombinha, e Jerónimo e Piedade com Marianita, a filha de ambos.

⁽¹⁷⁾Veja-se nesse desenho intelectual um eco camiliano: Mota Prego, o comendador de Eusébio Macário, "tinha bastante espírito, fora sócio fundador dum gabinete literário de caixeiros em Pernambuco, não desconhecia o Telémaco, os *Suspiros Poéticos* de Magalhães, a *Martinheida* e o *Saque* do doutor Ferro" (Castelo Branco, 1880: 117).

A brutalidade e a grosseria de modos são dois outros atributos negativos que sinalizam o imigrante português, particularmente n' *O Cortiço*, como se pode verificar num jantar dominical, quando o "português amigo da Das Dores, já desengravatado e com os braços à mostra, vermelho, lustroso de suor, intumescido de vinho virgem e leitão de forno, repotretava-se na sua cadeira, a rir forte, sem calar a boca, com a camisa a espipar-lhe pela braguilha aberta." (OC, 79). Ou quando Jerónimo, admirado com Leónia, levou um beliscão de Rita e, "para deixar bem patentes as suas preferências, virou o pé de lado e bateu com o tamanco na canela da mulata", ouvindo desta: "- Olha o bruto... [...] Sempre há de mostrar que é galego" (OC, 107).

Se o hábito, registado nas narrativas de viajantes, colonos e missionários, de os índios se banharem inúmeras vezes ao dia, passou aos brasileiros, tal não acontecia com portugueses, vindos de outro clima e sem as "águas infundas", para usar a expressão de Caminha. Assim é que quando Jerónimo, no seu abrasileiramento, sentiu que Piedade começava a cansá-lo, "notou-lhe o cheiro azedo do corpo", negou-se a ter relações com ela e a disse-lhe: "- Não te queria falar, mas... sabes? Deves tomar banho todos os dias e... mudar de roupa... Isto aqui não é como lá. Isto aqui sua-se muito! É preciso trazer o corpo sempre lavado, que, se não, cheira-se mal!" (OM, 107).

Além disso, o banho é para os que pretendem fazer fortuna, uma perda de tempo. João Romão só o toma aos domingos e o Dias, de *O Mulato*, economiza não só no passeio e no charuto, mas também na lavagem das roupas. Uma vez ficou doente e o médico receitou-lhe banhos, acrescentando: "o asseio também faz parte do tratamento" (OM, 61). Ana Rosa "não podia conceber como uma mulher de certa ordem pudesse suportar semelhante porco" (OM, 60) e, para dar às amigas uma "ideia justa" do homem que o pai lhe queria impor para marido, resumia-lhe a usura e a falta de asseio dessa maneira: "sempre é um homem que não tem coragem de comprar uma escova de dentes" (OM, 60).

2.1.6. *A liberalidade e os preconceitos*

Representados como rudes, pouco asseados, ignorantes e avarentos, os portugueses surgem, porém, para os brasileiros concomitantemente como "sangue europeu", "sangue de branco", entendido como uma melhoria étnica e/ou social, o que indicia a existência de um preconceito.

Responsáveis pela entrada de escravos no Brasil e pela miscigenação racial, são-no também pela ideia de "limpeza de sangue" que transmitem a seus descendentes.

Maria Bárbara, sogra de Manuel Pescada, "tratava muito dos avós, quase todos portugueses; muito orgulhosa, muito cheia de *escrúpulos de sangue* [...] lembrava-se com grandes suspiros do marido, 'do seu João Hipólito', um português fino, de olhos azuis e cabelos louros [...] tinha grande admiração pelos portugueses, dedicava-lhes um entusiasmo sem limites, preferia-os em tudo aos brasileiros" (OM, 37-38).

Já D. Quitéria, mulher do irmão do comerciante, com "muita religião e *escrúpulos de sangue*", "casara com José da Silva por dois motivos simplesmente: porque precisava de um homem, e ali não havia muito onde escolher e porque lhe diziam que os portugueses são brancos de primeira água" (OM, 68).

2.2. *As formas de enriquecer*

As actividades dos imigrantes portugueses no Brasil dividiam-se entre o comércio, o tráfico de escravos e a lavoura, embora houvesse também os proprietários de cortiço. Era partindo de uma condição humilde e de uma vida cheia de sacrifícios que (alguns) conseguiam acumular fortuna. Assim foi com Joaquim Furtado da Serra, "tapado como um ovo, o que aliás não impedia que estivesse rico [...]"; ele "princiara no Brasil, descalço, com um barril às costas" (OM, 151).

O pai de Raimundo, José da Silva, "havia enriquecido no contrabando dos negros da África" (OM: 67), mas diante da Cabanagem, teve de fugir do Pará, refugiando-se no Maranhão, onde o ajudou o irmão, Manuel Pescada, comerciante de tecidos por atacado⁽¹⁸⁾. A fortuna da

⁽¹⁸⁾José da Silva, por sua vez, fora auxiliado por Domingas, uma de suas escravas mais moças, que o avisou da revolta de seus escravos e com ele fugiu para o Maranhão. "Foram dar com os ossos no Rosário. O contrabandista arranhou-se o melhor que pôde com a escrava que lhe restava e, mais tarde, no lugar denominado São Brás, veio a comprar uma fazendola, onde cultivou café, algodão, tabaco e arroz." Domingas, "depois de vários abortos", dá à luz Raimundo, protagonista do romance. José prosperou rapidamente no Rosário; cercou a amante e o filho de cuidados; relacionou-se com a vizinhança"

família de João Coqueiro viera de seu avô materno, "um português ambicioso e económico, que a conquistara no tráfico dos negros africanos" (CP, 68). João Romão ganhou dinheiro com o seu comércio de secos e molhados e com o seu cortiço. Seu patrão foi "um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma obscura taverna nos refolhos do bairro de Botafogo" (OC, 20). Miranda é "negociante português, estabelecido na Rua do Hospício com uma loja de fazendas por atacado" (OC, 23).

Há, porém, aqueles que nunca progrediram, como o português dono de uma carroça e que fazia fretes na cidade⁽¹⁹⁾, com quem Bertoleza vivera antes de amigar-se com João Romão; ou como o rapaz tísico, morador da pensão de Mme Brizard, que morre no quarto de Amâncio; e como outros que, mesmo tendo conseguido juntar algum, acabam por perdê-lo. É o caso do marido de D. Isabel, "o dono de uma casa de chapéus, que quebrou e suicidou-se, deixando-lhe uma filha muito doentinha e fraca" e "uma caixa de rapé de ouro" (OC, 48).

Jerónimo - que veio de sua aldeia para trabalhar com um fazendeiro, mas resolveu tentar a vida na cidade como cavouqueiro e até consegue economizar, pôr a filha em colégio particular e entrar para a Ordem -, ao abraçar-se, perde o sentido da economia (o que mostra ser esta um traço distintivo entre brasileiros e portugueses). Sua mulher, Piedade, toma-se vítima da transformação do marido:

"Pobre mulher! Chegara ao extremo dos extremos. Coitada! Já não causava dó, causava repugnância e nojo. Apagaram-se-lhe os últimos vestígios do brio; vivia andrajosa, sem nenhum trato e sempre ébria, dessa embriaguez sombria e mórbida que se não dissipa nunca. O seu

(OM, 68). É esse tipo de relacionamento entre senhor e escrava uma das bases do luso-tropicalismo proposto por Gilberto Freyre: "Foi misturando-se gostosamente com mulheres de cor logo ao primeiro contacto e multiplicando-se em filhos mestiços que uns apenas milhares de machos atrevidos conseguiram firmar-se na posse de terras vastíssimas e competir com povos grandes e numerosos na extensão de domínio colonial e na eficácia da acção colonizadora" (Freyre, s.d.: 22)

⁽¹⁹⁾Mostrando essa actividade como generalizada e própria do imigrante português, regista Eulália Maria Lahmeyer Lobo, em *Imigração Portuguesa no Brasil*, São Paulo-Lisboa, HUCITEC-Instituto Camões, 2001, p. 39: "Os portugueses trabalhavam também como puxadores de carrinho que transportavam alimentos, bebidas, móveis, todo o tipo de carga e que eram frequentemente de sua propriedade".

quarto era mais imundo e o pior de toda a estalagem; homens malvados abusavam dela, muitos de uma vez, aproveitando-se da quase completa inconsciência da infeliz. Agora, o menor trago de aguardente a punha logo pronta; acordava todas as manhãs apatetada, muito triste, sem ânimo para viver esse dia, mas era só correr à garrafa e voltava-lhe a risada frouxa, de boca que já se não governa" (OC, 248).

Ao lado de Piedade, a filha que, tendo interrompido a educação no colégio de freiras em função de o pai não mais lhe pagar os estudos, acaba por tomar-se uma presa fácil do meio em que vive: "A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria" (OC, 247)⁽²⁰⁾.

E há ainda Botelho, que fora empregado do comércio, corretor de escravos e que ganhara dinheiro com especulações durante a guerra do Paraguai, mas cuja sorte desandou e ficou vivendo às custas de Miranda. Para ele "o Brasil só tinha uma serventia: enriquecer os portugueses", mas a ele deixara-o "na penúria" (OC, 39).

⁽²⁰⁾A ideia de cortiço como meio bastante degradado é reforçada pelo próprio Aluísio Azevedo ao falar do "Cabeça de Gato" rival do "São Romão": "o verdadeiro tipo da estalagem fluminense, a legítima, a legendária; aquela em que há um samba e um rolo por noite; aquela em que se matam homens sem a polícia descobrir os assassinos; viveiro de larvas sensuais em que os irmãos dormem misturados com as irmãs na mesma cama" (OC, 248). Rama lho Ortigão, na conhecida farpa "O Brasil a voos de sabiá", assim denuncia a vida no cortiço: "O cortiço é a mais afrontosa de todas as vergonhas nacionais. É o corolário vivo da nossa decadência. É o comentário profundo da nossa inépcia. É o espelho do nosso vício, do nosso desleixo, da nossa corrupção. [...] Não se confunda o cortiço dos portugueses no Rio de Janeiro com a 'casa da malta' dos galegos em Lisboa. [...] No Rio de Janeiro, à noite, essa multidão infecta, andrajosa e faminta, recolhe-se no cortiço, sem distinção de sexos nem de idades, em uma aglomeração completamente bestial. Dormem a esmo pelo chão numa promiscuidade torpe. A falta de higiene, o excesso de trabalho, a fadiga, a insuficiência de alimento produzem naturalmente nessa população quase nómada as viciações do sangue, as escrófulas e a tísica. [...] São frequentes entre esses desesperados os casos de alienação mental. [...] A miséria em tais quilates converte naturalmente o homem que subjugua na besta servil ou na fera. A índole nativamente doce do português preserva-o da ferocidade. Resta-lhe fatalmente a servidão" (Ortigão, s.d.: 70-71)

2.2.2. Trabalho, usura & cia

Associado à economia extrema, muitas vezes à própria usura, à exploração dos outros homens, às pequenas e grandes espertezas comerciais, o trabalho é a principal maneira de os portugueses imigrantes no Brasil fazerem fortuna.

Qualquer forma de lazer ou gasto com a própria imagem é visto como um desperdício, uma fuga à actividade lucrativa. Gustavo de Vila Rica, por exemplo, tinha como "grande defeito" "uma assinatura no Gabinete Português o que levava a boa gente do comércio a dizer 'que ele era um grande biltre, um peralta, que estava sempre procurando o que 1er!'" Aliás, o Bento Ribeiro "bradava-lhe às vezes, furioso: - Com os diabos! O patrão já lhe tem dado a entender que não gosta de caixeiros amigos de gazetas?... Se você quer ser letrado, vá para Coimbra, seu burro!" (OM, 56). Além disso, desperdiçava dinheiro: "ganhara fama de extravagante", pelos "fatos de casimira à moda" que mandava fazer, para passear aos domingos e para ir aos bailes familiares de contribuição", e por queimar "charutos de dois vinténs" (OM, 56).

Se "Manuel Pedro da Silva, mais conhecido por Manuel Pescada, era um português de uns cinquenta anos, forte, vermelho e trabalhador", além de "atulado para o comércio" (OM, 36); Luís Dias, seu caixeiro, tem atributos semelhantes - "muito ativo", "discreto, trabalhador, com uma bonita letra, e muito estimado na Praça" - mas é também "económico", mas de uma "economia torpe" (OM, 45 e 46). A lata de marmelada e a garrafa de vinho do Porto que levava aos domingos "ao peixe frito em casa de uma mulata gorda" eram por ele consideradas "as suas extravagâncias" (OM, 60). E, de tal forma era a sua avareza, que Ana Rosa, sua futura mulher, classificava-o como "um somítico" (OM, 46), síntese que o narrador desenvolve da seguinte maneira:

"um tipo fechado como um ovo, um ovo choco que mal denuncia na casca a podridão interior. Todavia, nas cores biliosas do rosto, no desprezo do próprio corpo, na taciturnidade paciente daquela exagerada economia, adivinhava-se-lhe uma ideia fixa, um alvo para o qual caminhava o acrobata, sem olhar dos lados, preocupado, nem que se equilibrasse sobre uma corda tesa. Não desdenhava qualquer caminho, desde que lhe parecesse mais curto; tudo servia, tudo era bom contanto que o levasse mais rapidamente ao

ponto desejado. Lama ou brasa - havia de passar por cima, havia de chegar ao alvo - enriquecer" (OM, 59).

No entanto, Manuel Pescada via "naquela criatura trabalhadora e passiva como um boi de carga e económica como um usurário", que "retirava por ano, para as suas despesas, a quarta parte do ordenado", "o homem mais no caso de fazer a felicidade da filha" (OM, 46).

Bento Cordeiro, o outro empregado de Pescada "gabava-se de grande prática de balcão; chamavam-lhe 'Um alho'. Para aviar encomendas do interior, não havia outro! Cordeiro 'metia no bolso o capurreiro mais sabido'" (OM, 62).

Mas de todas as personagens de Aluísio de Azevedo é João Romão a que melhor exemplifica este limiar de "brasileiro". Já "proprietário e estabelecido por sua conta" (havia economizado tanto, dos treze aos vinte e cinco anos, que o patrão, ao voltar para Portugal, "lhe deixou, em pagamento dos ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro" OC, 19) - foi possuído de um verdadeiro "delírio de enriquecer". Para isso, passou as maiores privações: "Das suas hortas recolhia para si e para a companhia os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria, as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que, no entanto, gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores" (OC, 30).

Por outro lado, "sempre em manga de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, comprando por dez réis de mel coado o que os escravos furtavam da casa de seus senhores" (OC, 23).

Essa exploração dos outros homens⁽²¹⁾, que passa também pela apropriação indébita dos bens dos moradores do cortiço como é o caso

(21)A exploração dos outros não é um traço típico apenas de João Romão. Ocorria entre os comerciantes portugueses em geral, como regista o *Boletim da Associação dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro*, 1925. Analisando as recordações dos caixeiros ali registadas, Eduardo Navarro Stotz, em "Os tempos do 'Maldito Regime' - Reminiscências dos caixeiros no Rio de Janeiro", *História em Cadernos*, vol. IV, n° 1, Jan.-Jun. 1986, pp. 10-19, recorta uma curiosa lembrança:

das garrafas do velho Libório, recheadas de notas, tem como principal objecto Bertoleza. Esta desempenha junto de Romão o "papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante" (OC, 21), além de ficar sem as suas economias, trabalhar sem receber e ser devolvida a seus senhores, para que ele possa ascender. A completar a imagem, que é uma síntese das outras figuras de português traçadas por Aluísio, João Romão procura melhorar de *status* e aumentar o pecúlio casando-se com uma brasileira, uma brasileira rica, naturalmente.

2.2.2. *O casamento e o título*

A deduzir pelas observações do narrador relativamente a Miranda - "Tinha inveja do outro, daquele outro português que, para ser mais rico três vezes do que ele, não teve de casar com a filha do patrão ou com a bastarda de algum fazendeiro freguês da casa!" (OC, 34) - o aumento da fortuna pelo casamento parece ser um recurso comum entre os imigrantes portugueses. Se n'O *Mulato* temos um exemplo nítido de ascensão social pelo casamento - o de Luís Dias com Ana Rosa - outros ocorrem sem que, no entanto, o foco narrativo incida sobre essa questão. Tanto Manuel Pescada como seu irmão casaram com brasileiras, mas, no caso do primeiro, o problema que se põe é menos o do casamento de conveniência que o do casamento sem amor, pois o ponto de vista é o da mãe de Ana Rosa, cuja grande paixão fora "Farol". Manuel Pescada, porém, pensa com relação à filha, num casamento de interesse, que preserve e amplie os seus bens. Como comenta Gilberto Freyre, nos seus *Sobrados e Mocambos*:

a de Jacinto Magalhães, que recorda a vida do caixeiro só se distinguir da do escravo pelo facto de receber um salário, embora pequeníssimo. De resto, só tinham duas tardes livres por ano (Natal e N. Sra. da Glória) e horas para fechar as portas, dormindo sobre os balcões, para, no dia seguinte, abri-las às cinco horas (se era Verão) ou às seis (quando era Inverno), embora os caixeiros dos varejistas de secos e molhados da Rua da Vala (actual Uruguaiana), comessem o seu dia às quatro. Por volta de 1875-1876, os grossistas deixavam que os empregados saíssem depois do jantar e, de quinze em quinze dias, aos domingos. Mas os outros caixeiros procuravam escapar à noite com chave falsa.

"Explica-se, em parte, que o negociante português preferisse para primeiro-caixeiro o genro português ao próprio filho, mestiço ou apenas nascido no Brasil, em face da disciplina severa a que tinha de submeter-se nos armazéns e lojas o caixeirinho vindo de Portugal para o nosso País quase como escravo. Escravo louro, cuja formação se fazia dentro do próprio armazém despoticamente patriarcal e monossexual. Crescia ele sob uma disciplina que muitas vezes faltava ao filho do próprio português, mimado pela mãe e educado por ela e às vezes pelo pai de modo a parecer filho de senhor da terra ou de engenho e não de mercador ou taverneiro" (Freyre, 1985: 271).

Em nome dessa disciplina é que Bento Cordeiro, com grande prática de balcão e chamado pelos outros "um alho", como já se viu, metendo no bolso o capurreiro mais sabido, o mais antigo dos empregados de Manuel Pescada, "nunca lograra ter interesse na sociedade": a sua queda para o vinho fazia com que, aos domingos, se metesse na tiorga e ficasse "de todo insuportável" (OM, 55).

Em *O Cortiço*, o casamento com brasileira para subir socialmente aparece de forma cíclica. Dá-se com Miranda, que "pensara fazer-se senhor do Brasil e fizera-se escravo de uma brasileira mal-educada e sem escrúpulos de virtude" (OC, 34). Dessa brasileira, Estela, que o traía com os caixeiros, provinha o capital com que se estabelecera; a "alma de meu crédito", reconhecia ele, era o dote da mulher, razão por que mantinha aquele casamento que lhe trouxera "oitenta contos de reis, mas incalculáveis milhões de desgostos e vergonhas" (OC, 35). Mas ainda assim é também um casamento de interesse o que Miranda contrata para a filha, Zulmira, uma vez que reconhece em João Romão, alguém mais bem sucedido nos negócios que ele, pois fizera fortuna "sem precisar roer nenhum chifre" (OC, 34).

Tentando possuir algo que não tivesse de restituir à Estela, pois a "alma" de seu "crédito" era "o dote", que esta lhe havia trazido, Miranda "principiou a sonhar com um baronato", o que o tornou "escravo das conveniências, afectando escrúpulos sociais" (OC, 35-36) e abrindo a casa para festas. O título de Barão do Freixal foi-lhe, então, concedido pelo governo português, como se lia no *Jornal do Comércio*. A figura já algo cómica do novo barão assim nos é descrita pelo narrador, que nem hesita em criar um neologismo para assinalar-lhe a indumentária: "sobrecasacado, com, como chapéu alto derreado para trás na cabeça e sem largar o guarda-chuva" (OC, 169).

A fatura será a outra marca desse português, no limiar de "brasileiro", que surge no dia da festa "todo de branco, com uma gravata de rendas, brilhantes no peito da camisa" (OC, 129)⁽²²⁾:

"E viam-se chegar, quase sem intermitência, homens carregados de gigos de champanha, caixas de Porto e Bordéus, barricas de cerveja, cestos e cestos de mantimentos, latas e latas de conserva; e outros traziam perus e leitões, canastras de ovos, quartos de carneiro e de porco. E as janelas do sobrado iam-se enchendo de compoteiras de doce ainda quente, saído do fogo, e travessões, de barro e de ferro, com grandes peças de carne em vinha de alhos, prontos para entrar n forno. À porta da cozinha, penduraram pelo pescoço um cabrito esfolado [...]" (OC, 123).

Procurando seguir as pegadas do vizinho, João Romão melhora a casa, a indumentária e a mesa, abre a bolsa, procura cultivar o espírito passando a assinar mais jornais e decorando romances franceses, sonha com o baronato; elimina Bertoleza de sua vida, fica noivo de Zulmira e recebe o título de diploma de sócio-benemérito do clube de abolicionistas: sem ser ainda um toma-viagem o dono do antigo cortiço, a "Estalagem de São Romão", agora "Avenida São Romão", chega ao limiar do "brasileiro".

3. Sem constituir um estereótipo, uma vez que as imagens de imigrante português desenhadas por Aluísio de Azevedo são variadas, embora tenham traços comuns, Romão servirá para mostrar todo o processo de construção do "brasileiro". Com os pés deformados pelos chinelos baratos, com a mesma roupa dia e noite, económico ao extremo, explorando os outros homens, vivendo mal, comendo mal, ignorando preceitos higiénicos, sem interesses culturais, ele será o Outro dos brasileiros de nascimento, como Firmo e Rita Baiana. Mas será também o Outro dos portugueses, aquele que, esquecido das indumentárias de

⁽²²⁾Veja-se a passagem das cores escuras referidas por Eça, na já mencionada *Farfa* ao branco e aos brilhantes, apanágio dos "brasileiros". O expoente máximo dessa forma pouco discreta de vestir surge n'*A Corja*: "Chegava a caleche descoberta dum brasileiro purpurino, coruscante de cores arrebosas, oftálmicas, delirantes, duma garridice espaventosa. Era o arara, um triunfador daqueles tempos em que a casaca azul e o colete amarelo não dispensavam uma gravata vermelha, luvas verdes e calças cor de alecrim com polainas cinzentas." (Castelo Branco, 1980: 66).

cores escuras, ostenta brilhantes e joanetes, "crasso, glutão, manhoso" (para retomar as já citadas palavras de Eça), e é interessado na política de sua terra, pois seus contornos, em termos de negatividade, correspondem aos do "brasileiro" que povoou as páginas da literatura de Oitocentos em Portugal e de quem Ramalho Ortigão, reiterando essa ideia de não pertença, disse numa pontiaguda farpa:

"[...] o emigrado português que regressa do Brasil não vem produzir, vem descansar. [...] O português só chega a denominar-se brasileiro quando não traz para Portugal senão a sua ociosidade e os juros do seu dinheiro, quase nunca os seus capitais. O seu comércio, a sua indústria, a sua acção civilizadora, os poderosos elementos de trabalho de que ele dispunha ficaram no Brasil. [...] Que faz no Brasil o emigrado português? Exerce a temperança e o trabalho, lança os mais sólidos e profundos alicerces à civilização e à felicidade de um país estrangeiro. Que traz ele à pátria? Traz-lhe o dinheiro, a ociosidade, a propensão para gozar, que [...] não foram nunca durante todo o decurso da nossa vida nacional senão os agentes imediatos e fatais da nossa corrupção, da nossa decadência, do rebaixamento profundo da nossa dignidade e da nossa consciência". (Ortigão, s.d.: 85-86)

Como *Outro*, ele lançou as bases de um estereótipo, reforçado pela imigração portuguesa do século XX, que deu origem às "piadas de português", que se contam no Brasil, ridicularizando a sua ignorância, a sua rudeza, a sua falta de asseio; mas que também ajudou a criar, em Portugal, uma imagem que tanto pode ser a do "brasileiro" toma-viagem, como a do brasileiro de origem, no qual a maneira de falar, o modo de vestir e as diferenças culturais são objecto de riso.

Bibliografia

- ALVES, Jorge Fernandes (1994) - *Os Brasileiros. Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*, Porto, Gráficos Reunidos, Lda.
- AMADO, James, (org.) (1969) - *Obras Completas de Gregorio de Matçs, Crónica do Viver Baiano Seiscentista*, Salvador (Bahia), Ed. Janaína, 1969, 7 vols.
- AZEVEDO, Aluísio [1964] - *O Mulato*, São Paulo, Livraria Martins Editora.
- AZEVEDO, Aluísio [1973] - *O Cortiço*, São Paulo, Livraria Martins Editora.

- AZEVEDO, Aluísio [1961] - *Casa de Pensão*, São Paulo, Livraria Martins Editora.
- AZEVEDO, Aluísio [1970] - *O Homem*, São Paulo, Livraria Martins Editora.
- CALMON, Pedro (3s.d.) - *História Social do Brasil*, São Paulo, Cia. Ed. Nacional, t. 2.
- CAPELLA, Ray mundo Venando Rodrigues (1882) - "Colônias Portuguezas em Paizes Estrangeiros - XIX - No Maranhão", *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 3ª serie, nº 4, Lisboa, Imprensa Nacional, pp. 236-241.
- CASTELO BRANCO, Camilo (3s.d.) - *Os Brilhantes do Brasileiro*, Lisboa, Companhia Editora de Publicações Ilustradas.
- CASTELO BRANCO, Camilo (1980) - *A Corja*, Porto, Lello & Irmão Editores.
- CASTELO BRANCO, Camilo (1958) - *O Esqueleto*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira.
- CASTELO BRANCO, Camilo (1880) - *Eusébio Macario*, Lisboa, Livraria Internacional, Ernesto Chardron Editor.
- FREYRE, Gilberto (s.d.) - *Casa Grande & Senzala*, Lisboa, Livros do Brasil.
- FREYRE, Gilberto (1985) - *Sobrados e Mocambos*, Rio de Janeiro, J. Olympio, v.1.
- ORTIGÃO, Ramalho (s.d.) - *As Farpas*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, *Obras Completas de Ramalho Ortigão*, t. X.
- ORTIGÃO, Ramalho & QUEIROZ, Eça de (1872) - *As Farpas. Chronica mensal da politica, das letras e dos costumes*, Fev. 1872, Lisboa Typografia Universal.
- QUEIRÓS, Eça de (1886) - "Carta-prefácio", in Luís de Magalhães, *O Brasileiro Soares*, Lisboa, Imprensa Nacional /Casa da Moeda, 1981, pp. 19-26.